

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE MEDICINA**

**GUILHERME FERNANDO NUNES
MARCELO DELMÔNICO GONÇALVES**

**OS IMPACTOS DA INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL NA PROMOÇÃO DA SAÚDE
MENTAL E DO BEM-ESTAR DE PACIENTES COM CÂNCER DE MAMA:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

**CHAPECÓ
2025**

**GUILHERME FERNANDO NUNES
MARCELO DELMÔNICO GONÇALVES**

**OS IMPACTOS DA INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL NA PROMOÇÃO DA SAÚDE
MENTAL E DO BEM-ESTAR DE PACIENTES COM CÂNCER DE MAMA:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Médico.

Orientadora: Prof.^a Msc. Grasiela Marcon

CHAPECÓ

2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Nunes, Guilherme Fernando

OS IMPACTOS DA INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL E DO BEM-ESTAR DE PACIENTES COM CÂNCER DE MAMA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA / Guilherme Fernando Nunes, Marcelo Delmônico Gonçalves. -- 2025.

43 f.

Orientadora: Grasiela Marcon

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Bacharelado em Medicina, Chapecó, SC, 2025.

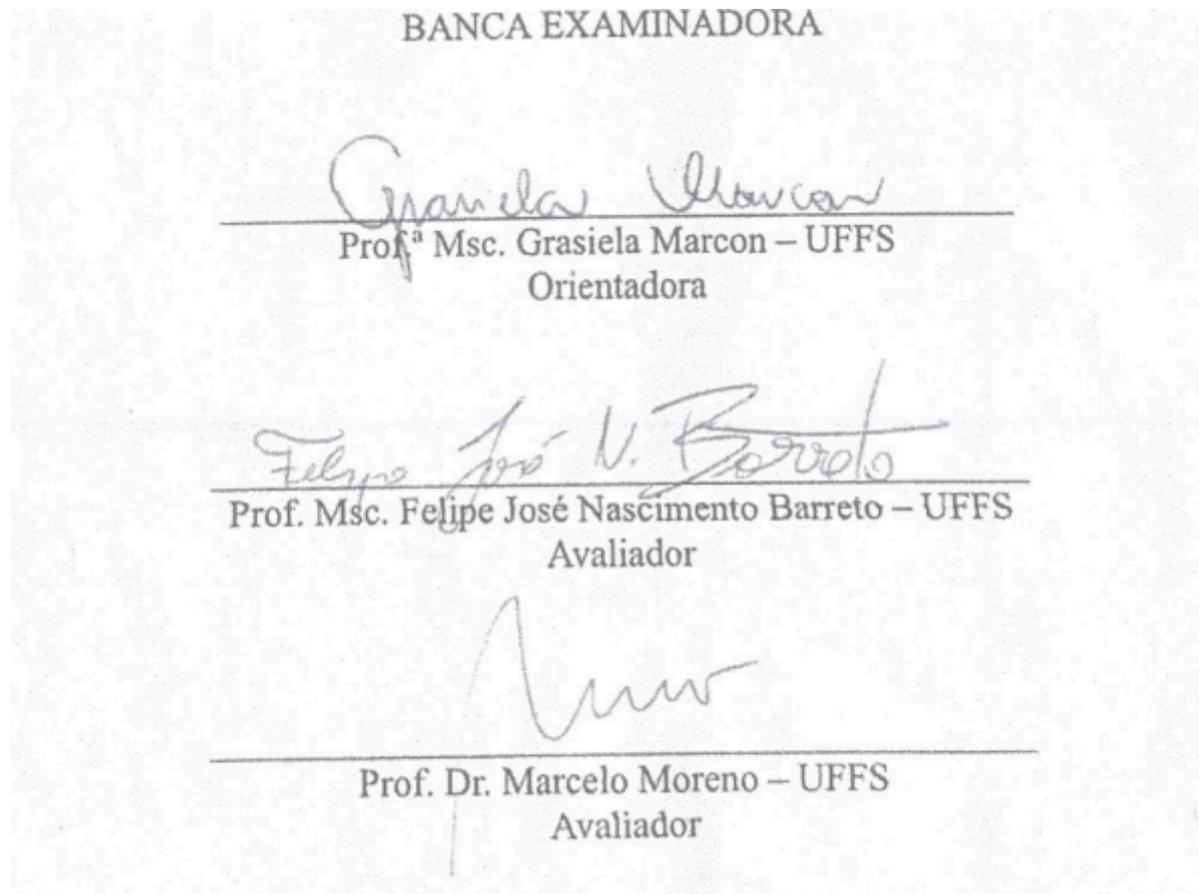
1. Câncer de mama. 2. Saúde mental. 3. Interação humano-animal. 4. Terapia Assistida por Animais. 5. Terapia com Animais de Estimação. I. Gonçalves, Marcelo Delmônico II. Marcon, Grasiela, orient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul. IV. Título.

**GUILHERME FERNANDO NUNES
MARCELO DELMÔNICO GONÇALVES**

**OS IMPACTOS DA INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL NA PROMOÇÃO DA SAÚDE
MENTAL E DO BEM-ESTAR DE PACIENTES COM CÂNCER DE MAMA:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Médico.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 05/06/2025.



RESUMO

Introdução: Além dos prejuízos físicos inerentes à progressão do câncer e dos diversos impactos referentes aos tratamentos, as pacientes com câncer de mama enfrentam outros desafios importantes, como o aumento do risco de transtornos mentais e a redução dos níveis de bem-estar. Com o objetivo de amenizar esses efeitos, se tornam cada vez mais significativas as possibilidades terapêuticas das terapias adjuvantes, visando não apenas a promoção da saúde mental, mas também o estímulo de exercícios físicos, redução dos sentimentos de solidão e melhora da percepção de sua aparência física. A interação humano-animal surge como uma ferramenta promissora para mitigar essas condições que frequentemente são subestimadas e, por isso, não tratadas. **Objetivo:** Analisar os impactos terapêuticos que a interação humano-animal proporciona na promoção da saúde mental e do bem-estar em pacientes com câncer de mama. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão sistemática, seguindo os protocolos estabelecidos pela ferramenta Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA). Foram identificados 112 artigos nas bases Web of Science, PubMed e Scopus. Desses, 27 artigos duplicados foram removidos. Em seguida, 75 foram excluídos após a leitura do título e resumo e dois pela análise da metodologia. Ao final, oito estudos foram considerados elegíveis para compor esta revisão. **Resultados e discussão:** A interação humano-animal na prevenção, promoção e reabilitação da saúde, trouxe inúmeros benefícios às pacientes, incluindo a redução dos sintomas de transtornos mentais, como ideação suicida, sintomas depressivos e ansiosos. Houve uma melhora na percepção da autoimagem, promoção de atividades físicas leves, adesão aos tratamentos convencionais, além de um aumento do suporte e reintegração social. **Conclusão:** Há evidências de que interação humano-animal pode preencher a lacuna existente no cuidado integral das pacientes com câncer de mama, baseando-se nos inúmeros benefícios apresentados pelos estudos. Entretanto, é necessário avaliar se os benefícios superam os riscos e considerar os possíveis efeitos danosos. Pela baixa abrangência, fazem-se necessários mais estudos para esclarecimentos de temas divergentes ou inconclusivos.

Palavras-chave: câncer de mama; saúde mental; interação humano-animal; terapia assistida por animais; terapia com animais de estimação.

ABSTRACT

Introduction: Beyond the physical burdens associated with cancer progression and the side effects of cancer treatment, patients with breast cancer often face significant psychological challenges, including an increased risk of mental health disorders and decreased levels of well-being. In response to these issues, complementary therapies have gained prominence for their potential to improve mental health, encourage physical activity, reduce feelings of loneliness, and enhance body image perception. Among these approaches, human-animal interaction has emerged as a promising strategy to address these frequently overlooked and untreated aspects of care. **Objective:** To analyze the therapeutic impacts of human-animal interaction on the promotion of mental health and well-being in patients with breast cancer. **Methods:** A systematic review was conducted following the Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) guidelines. A total of 112 articles were retrieved from Web of Science, PubMed, and Scopus. After removing 27 duplicates, 75 studies were excluded based on title and abstract screening, and 2 were removed after methodological evaluation. Ultimately, 8 studies were included in this review. **Results and Discussion:** Human-animal interaction in health prevention, promotion, and rehabilitation demonstrated several benefits for breast cancer patients. These included reductions in symptoms of mental health disorders such as suicidal ideation, depression, and anxiety; improved body image perception; encouragement of light physical activity; increased adherence to conventional treatments; and enhanced social support and reintegration. **Conclusion:** There is evidence suggesting that human-animal interaction can help bridge gaps in the holistic care of breast cancer patients, supported by the various benefits reported in the studies. However, it remains essential to assess whether these benefits outweigh potential risks and to consider possible adverse effects. Given the limited scope of available research, further studies are needed to clarify inconsistent or inconclusive findings.

Keywords: breast cancer; mental health; human-animal interaction; animal-assisted therapy; companion animal therapy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
2.1 O UNIVERSO DAS TERAPIAS COM ANIMAIS: CONCEITOS E APLICAÇÕES.....	9
2.2 A HISTÓRIA DA RELAÇÃO HUMANO-ANIMAL NA PROMOÇÃO DA SAÚDE....	12
2.3 O CÂNCER DE MAMA SOB A ÓTICA BIOPSISSOCIAL.....	14
2.4 OS BENEFÍCIOS TERAPÊUTICOS DA INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL.....	16
3 METODOLOGIA.....	19
3.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO.....	19
3.2 BASE DE DADOS E ESTRATÉGIA DE BUSCA.....	19
3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	21
3.4 EXTRAÇÃO DE DADOS.....	21
3.5 SELEÇÃO DE ESTUDOS.....	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
4.1 PREVENÇÃO E REABILITAÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS.....	24
4.2 PERCEPÇÃO DA AUTOIMAGEM.....	26
4.3 PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS.....	26
4.4 ADESÃO AO TRATAMENTO CONVENCIONAL.....	32
4.5 SUPORTE E REINTEGRAÇÃO SOCIAL.....	32
4.6 MELHORIA NA QUALIDADE DE VIDA.....	33
4.7 RISCOS E DESAFIOS DA INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL.....	34
4.8 CONSELHOS AOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

O câncer de mama é o segundo tipo de câncer mais prevalente no mundo considerando ambos os sexos, sendo superado apenas pelo câncer de pulmão. Entre as mulheres, é o tipo mais letal, representando a principal causa de mortalidade por câncer nesse grupo (OPAS, 2024). No ano de 2022, foram registrados 2,3 milhões de novos diagnósticos, representando um problema de saúde pública relevante. Até 2040, estima-se que haverá um aumento de até 40% desses números, resultando em cerca de 3 milhões de novos diagnósticos por ano e 1 milhão de mortes no mesmo período (ARNOLD *et al.*, 2022). O Brasil segue a tendência mundial, sendo o câncer de mama o que mais atinge as mulheres, superado apenas pelo câncer de pele não melanoma, e o de maior mortalidade em todas as regiões, especialmente no Sul e Sudeste (INCA, 2024).

Nesse contexto, é necessária a compreensão de que os prejuízos causados pelo câncer de mama vão além dos danos físicos provocados pela evolução do câncer ou pelos tratamentos invasivos. O bem-estar, a qualidade de vida e, principalmente, a saúde mental, também sofrem efeitos nocivos à saúde. Em pacientes submetidas a mastectomia, quimioterapia e radioterapia, as mudanças corporais prejudicam a autoestima, a autopercepção, a sexualidade e, sobretudo, a percepção da feminilidade e da maternidade (IZCI *et al.*, 2016).

Essas mudanças físicas podem estar associadas a outros fatores inerentes à doença, como a retração social, o isolamento afetivo e o abandono social, intensificando os quadros psicopatológicos e criando diversas instabilidades, sejam elas emocionais, comportamentais ou cognitivas (FORTIN *et al.*, 2021; BRASIL, 2023). Essas comorbidades psiquiátricas estão associadas à menor adesão aos tratamentos convencionais, acelerando a progressão do câncer e reduzindo o tempo de sobrevida, além de aumentar o número de internações hospitalares e as despesas relacionadas (IZCI *et al.*, 2016).

Com o objetivo de amenizar tais efeitos, as sobreviventes do câncer de mama procuram terapias adjuvantes visando combater os efeitos adversos das terapias convencionais, melhorar a qualidade de vida e promover o bem-estar físico, social, emocional e espiritual (NAHLEH; TABBARA, 2003). Em um estudo realizado nos Estados Unidos, verificou-se que 60% das pacientes que possuíam diagnóstico de câncer de mama, buscavam por atividades oferecidas pela Medicina Alternativa e Complementar (MAC) (NEUHOUSER *et al.*, 2017). Da mesma forma, em Taiwan, 82% das pacientes aderiram a métodos

terapêuticos adjuvantes, demonstrando o crescimento dessa modalidade de terapia ao redor do mundo (CHIN *et al.*, 2020).

A interação humano-animal surge como uma opção terapêutica promissora com grandes possibilidades de suprir a demanda dessas pacientes. Essa abordagem tem se consolidado e já possui muitos estudos, sendo utilizada para os mais variados fins terapêuticos. Além disso, é frequentemente utilizada em diversos tipos de transtornos psiquiátricos e distúrbios neurológicos, como no Transtorno do Espectro Autista (TEA), esquizofrenia, quadros demenciais, bem como na prevenção de transtornos mentais em geral (RODRÍGUEZ-MARTÍNEZ *et al.*, 2021). Dentre os benefícios comprovados da interação humano-animal, destacam-se redução dos níveis de dor, redução de sintomas depressivos e ansiosos, diminuição dos sintomas do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), redução de ideação suicida e prevenção de doenças crônicas e do sistema cardiovascular (SHOIB *et al.*, 2022).

Ante o exposto, o presente estudo trata-se de uma revisão sistemática sobre utilização de animais como forma de intervenção terapêutica para pacientes com câncer de mama, com o objetivo de analisar os potenciais impactos terapêuticos que essa interação pode proporcionar. Sugere-se uma lacuna no cuidado integral destas pacientes, considerando a alta demanda por terapias adjuvantes e, com base na crescente evidência e nos resultados já comprovados, acredita-se que a terapia com animais pode preencher essa lacuna de forma substancial, não invasiva e efetiva.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O UNIVERSO DAS TERAPIAS COM ANIMAIS: CONCEITOS E APLICAÇÕES

As definições dos conceitos relacionados às terapias envolvendo animais são controversas e há falta de detalhes precisos sobre suas aplicações, variando conforme o país e a legislação vigente. Por conta dessa diversidade terminológica e conceitual, há um comprometimento da comunicação científica, além de uma dificuldade de replicação e comparação de estudos (KERULO *et al.*, 2020).

A Terapia Assistida por Animais (TAA) é a modalidade mais conhecida. É definida como uma terapia em que são utilizadas diversas espécies de animais, como cães, gatos, cavalos, pássaros e até mesmo peixes, com o objetivo de proporcionar benefícios específicos e atingir metas terapêuticas predefinidas com mais efetividade (HARDY; WESTON, 2019).

A TAA configura-se em uma abordagem terapêutica planejada, organizada e focada em metas, sendo o progresso terapêutico avaliado e documentado, além de ser guiada por profissionais das áreas de saúde, educação e serviços humanos. Essa modalidade abrange várias condições patológicas, podendo participar das terapias pacientes com sintomas físicos, psicológicos, cognitivos, comportamentais, etc (IAHAIO, 2019).

Como uma subcategoria da TAA, estão as modalidades específicas, como a Terapia Facilitada por Cães (TFC) ou Cinoterapia, a Terapia Assistida por Cães (TAC), a Terapia Assistida por Equinos (TAE) ou Equoterapia e a Terapia Assistida por Felinos (TAF), que compõem o mesmo conceito que a TAA, mas com a utilização de apenas uma espécie de animal (CARVALHO *et al.*, 2022; NCI, s.d.; SUÁREZ-IGLESIAS *et al.*, 2021).

As Atividades Assistidas por Animais (AAA) são terapias menos formais e geralmente realizadas de forma coletiva. Não são impostas metas terapêuticas predefinidas e as intervenções servem para motivar, educar ou trazer momentos de lazer para quem participa, podendo ser realizadas através de visitas recreativas em escolas, instituições hospitalares ou de longa permanência. Apesar de ser informal e esporádico, a terapia visa trazer benefícios e melhorias na qualidade de vida dos pacientes (IAHAIO, 2019).

As Intervenções Assistida por Animais (IAA) é um termo guarda-chuva que se refere de uma maneira geral à inclusão de animais de forma intervencionista na saúde, bem-estar ou nas práticas educacionais humanas. Desta maneira, a IAA engloba três categorias: TAA, AAA e Educação Assistida por Animais (EAA) (IAHAIO, 2019).

Além disso, exploramos um conceito pouco utilizado em estudos científicos no Brasil e que é caracterizado por sua natureza polissêmica. O conceito de posse de animais, tutela de animais ou ainda dono de animais está atrelado a fatores jurídicos, emocionais e culturais. Nos âmbitos emocionais, sociais e culturais, o conceito refere-se ao vínculo emocional e do cuidado longitudinal que constrói a convivência e a relação humano-animal, pois entende-se que o humano ampara, protege e atua como um protetor de forma integral, suprindo suas necessidades básicas (ABTPET, 2020).

No Brasil, do ponto de vista jurídico, o conceito vem sofrendo alterações ao decorrer dos anos. Segundo os artigos 82 e 936 do Código Civil de 2002, os animais são classificados como bens móveis que possuem um dono ou proprietário que detém o poder e controle total sobre eles, sendo considerados como objetos de posse, inanimados e que não possuem direitos senão aqueles agregados aos seus donos (BRASIL, 2002; STJ, 2023).

Em 2019, o Senado Federal aprovou um Projeto de Lei da Câmara nº 27 (PLC 27/2018) que dispõe que os animais de estimação deixam de ser considerados objetos para seres que “possuem natureza biológica e emocional e são seres sencientes, passíveis de sofrimento”, além de que “devem gozar e obter tutela jurisdicional em caso de violação, vedado o seu tratamento como coisa” (BRASIL, 2019).

A seguir, a Tabela 1 sintetiza as diferentes modalidades de intervenção envolvendo animais no contexto terapêutico, abordando suas definições, metas terapêuticas e exemplos de aplicação.

Tabela 1 – Caracterização das modalidades, definições, metas terapêuticas e exemplos de aplicação das práticas de terapia com animais.

Modalidade	Definição	Metas terapêuticas	Exemplos de aplicação
Intervenções Assistidas por Animais (IAA)	Termo guarda-chuva que abrange todas as práticas intervencionistas com animais nas áreas da saúde, educação e bem-estar	Pode ou não ter metas terapêuticas	TAA, AAA, EAA
Atividades Assistidas por Animais (AAA)	Intervenção menos formal e coletivizada, com fins recreativos e sociais, mas que ainda assim trazem benefícios terapêuticos	Sem metas terapêuticas específicas, predefinidas ou documentadas	Visitas hospitalares; Atividades escolares; Atividades em instituições de longa permanência
Terapia Assistida por Animais (TAA)	Intervenção estruturada e individualizada, com participação de animais para fins terapêuticos específicos predefinidos.	Metas terapêuticas predefinidas e documentadas	Psicoterapia com cães; Reabilitação física com cavalos; Intervenção em Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC)
Terapias com espécies específicas	Variantes da TAA com foco específico em uma espécie de animal	Personalizadas conforme a espécie de animal, vide TAA	TFC, TAC, TAE, TAF
Posse/Tutela/Donos de Animais	Convivência diária com animais de estimação para fins de companhia	Sem metas terapêuticas	Convivência doméstica; vínculo afetivo; animais de companhia

Fonte: Os autores, 2025.

2.2 A HISTÓRIA DA RELAÇÃO HUMANO-ANIMAL NA PROMOÇÃO DA SAÚDE

A origem de animais como seres de cura remonta à Idade Antiga. Para os gregos, os cães eram fiéis companheiros de Asclépio, o Deus grego da Medicina. Em sua homenagem, construiu-se no século IV a.C um dos maiores santuários dedicados à cura do mundo antigo, em Epidauro, Grécia Antiga. Um dos principais rituais de cura realizado no templo tratava-se de os enfermos receberem lambidas de um cão que habitava o santuário, como forma de auxiliar na restauração da circulação dos membros lesionados. Acredita-se que essa associação tenha surgido após as pessoas observarem que os cães se curavam após lamberem suas próprias feridas e por acreditarem que o Deus Asclépio estendia seus poderes de cura para os cães, tornando-os sagrados (HILL, 2014).

No País de Gales, arqueólogos encontraram estatuetas de cães em um local em que se acredita que tenha sido utilizado como um santuário em homenagem ao Deus da cura. Os objetos são datados do primeiro período romano na Grã-Bretanha, por volta do final do século I d.C. ao final do século IV d.C. e, possivelmente, foram deixadas neste local como oferendas, por pessoas que buscavam ser agraciadas com uma vida longa e cheia de saúde ou que se recuperasse de eventuais enfermidades (HILL, 2014).

Na Inglaterra do século XVIII, surgem os primeiros registros de animais sendo usados como auxiliares em terapias de pacientes com transtornos mentais. Nesta época, ocorria uma transição nas teorias sobre as doenças mentais que deixaram de ser vistas como causadas por demônios e passaram a ser compreendidas como uma perda de racionalidade que degradava o ser humano, nivelando-o com a racionalidade de um animal. Com essa mudança, os locais de cura deixaram de ser as igrejas ou prisões e passaram a ser os asilos ou retiros. O tratamento padrão instituído na época era desumano, com registros de acorrentamento, maus tratos, remédios arcaicos e até mutilação dos enfermos. Neste contexto, surge o *York Retreat* (Retiro York, em português), idealizado pelo filantropo inglês William Tuke, membro do movimento religioso cristão *Quakers* ou *Society of Friends*, fundado no século XVII, na Inglaterra (KIBRIA; METCALFE, 2016).

O Retiro era considerado o único a não adotar práticas cruéis comuns para a época, promovendo uma prática médica empírica e benevolente, baseada na exploração dos benefícios terapêuticos. Os pacientes tomavam banhos quentes, trabalhavam o equilíbrio entre corpo e mente, realizando exercícios físicos diariamente; realizavam dietas balanceadas e principalmente eram estimulados a interagir com os animais para reduzir os níveis de

ansiedade, depressão e o uso de drogas. Para Tuke, a interação humano-animal facilitaria a reabilitação e o desenvolvimento dos pacientes (KIBRIA e METCALFE, 2016; BECK, 2012).

No Brasil, na década de 50, a psiquiatra Nise da Silveira encontrou uma cadela abandonada e com sinais de maus tratos nos entornos do Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro. Ela recolheu o animal e ofereceu a um paciente que prontamente aceitou. Desde então, este paciente começou a tomar conta do animal, conferindo-lhe um senso de responsabilidade, além da criação de um laço de afeto e companheirismo. Essa relação teria levado o paciente a ter uma remissão completa do seu quadro psicopatológico (CAPOTE; COSTA, 2011). A cadela, que mais tarde foi chamada de Caralâmpia, tornou-se a primeira co-terapeuta animal do Centro Psiquiátrico Pedro II (BERTI; CASTRO, 2024). Com a introdução da terapia com animais, cães e gatos passaram a frequentar atividades terapêuticas, como nos ateliês de pinturas, onde os animais andavam livremente entre os pacientes (CAPOTE; COSTA, 2011).

A aplicação desse método terapêutico inovador acabou por não ser reconhecida e compreendida pelos seus colegas e o desenvolvimento das atividades com os animais era um de seus maiores desafios. Seus colegas teciam comentários grosseiros, removiam os animais do local e até mesmo protagonizaram uma série de episódios violentos, incluindo a morte de alguns animais por envenenamento. Apesar das resistências, Nise continuou com suas observações e constatou que pacientes psicóticos e pessoas com esquizofrenia conseguiam facilmente estabelecer vínculos com os animais (BERTI; CASTRO, 2024).

Para ela, especialmente cães e gatos, chamados de co-terapeutas, eram excelentes “catalisadores de afeto” que reproduziam “relações catalisadoras” com os pacientes. Esta expressão tem por definição “as relações afetivas capazes de coordenar as funções psíquicas em tentativas de renovação da psique e de possibilitar, eventualmente, a reabilitação das pessoas adoecidas” (BERTI; CASTRO, 2024; SILVEIRA, 2015).

No livro *Imagens do Inconsciente* (2015), é apresentado um exemplo de relação catalisadora. Uma das pacientes internadas no Centro Psiquiátrico sofria de um mutismo irreduzível e já havia passado por uma série de sessões de eletrochoque sem nenhuma melhora aparente. Durante sua estadia, começou a interagir de forma constante com uma gata chamada Cravina, dividindo os alimentos de sua refeição ou realizando as atividades terapêuticas do dia a dia. Algum tempo depois, uma das monitoras do Centro Psiquiátrico foi surpreendida ao encontrar a paciente conversando espontaneamente com a gata. A relação catalisadora entre a

paciente e a gata Cravina, resultou em uma melhora significativa dos sintomas, fazendo com que seu mutismo fosse superado (BERTI; CASTRO, 2024; SILVEIRA, 2015).

Portanto, a psiquiatra Nise da Silveira, introduziu nacionalmente um método terapêutico que dá ênfase nas relações afetivas entre humanos e animais, não utilizando-os como meras ferramentas para benefícios dos humanos, mas como sujeitos de direitos, destacando os benefícios mútuos dessa relação (BERTI; CASTRO, 2024).

2.3 O CÂNCER DE MAMA SOB A ÓTICA BIOPSISSOCIAL

A confirmação do diagnóstico de câncer de mama representa uma mudança significativa na vida de uma pessoa, sendo que para muitas das sobreviventes o recebimento do diagnóstico foi o momento mais difícil durante todo o processo da doença. Essas mudanças superam as alterações orgânicas decorrentes dos tratamentos agressivos ou pela progressão da doença, atingindo também o psíquico. A incerteza em relação à progressão da doença, ao tratamento, ao prognóstico, bem como pelas profundas mudanças e estigmas que rodeiam essa condição, causam um sofrimento psicológico significativo, de natureza cognitiva, comportamental, emocional, social ou espiritual que podem atrapalhar no enfrentamento ao câncer de mama (FORTIN *et al.*, 2021).

Em estudo realizado com o objetivo de avaliar a prevalência de transtornos mentais e os fatores associados à depressão e ansiedade em sobreviventes do câncer de mama, observou-se que de uma amostra de 152 pacientes, 38% foram classificadas como deprimidas, enquanto 32% como ansiosas, mostrando um alto risco de propensão a transtornos psiquiátricos. Em relação aos fatores associados à depressão e ansiedade, o estudo descobriu que pacientes com menor nível escolar e menor religiosidade são mais propensas a desenvolverem esses transtornos (TSARAS *et al.*, 2018).

Outros riscos significativos, são o de ideação suicida ou suicídio consumado, que são comumente subestimados nas pacientes com câncer de mama. Em outro estudo, verificou-se que as sobreviventes do câncer de mama possuem maiores riscos de desenvolver ideações ou comportamentos suicidas em relação à população geral. O estudo indicou que mulheres mais jovens (menos de 50 anos), raça branca, solteiras, subtipo HER-2 ou *Triple-Negative Breast Cancer* (TNBC) e nenhuma radioterapia realizada, são mais propensas ao suicídio (SHI *et al.*, 2022). Além disso, as sobreviventes do câncer de mama são 37% a 60% mais propensas a cometerem suicídio em comparação às que não possuem câncer (CARREIRA *et al.*, 2018).

Por sua vez, outro estudo avaliou se o tratamento de transtornos psiquiátricos pré-existentes em pacientes com câncer influencia na melhora de resultados no tratamento e na diminuição da mortalidade em até 30%. Os resultados apresentados mostraram que indivíduos com problemas psiquiátricos não tratados tinham níveis maiores de mortalidade em comparação aos que não possuíam (BERCHUCK *et al.*, 2020). Além disso, os indivíduos que receberam apoio social e cuidados com a saúde mental, tiveram chances maiores de terem tratamentos adequados conforme o estágio da doença e uma menor probabilidade de terem diagnósticos de câncer em fases avançadas (NCI, 2020).

A insatisfação em relação a sua imagem e autoestima, configura-se em outro fator negativo vivenciado pelas sobreviventes do câncer de mama. Alguns dos fatores que afetam essa autopercepção são o tipo de cirurgia realizada, alopecia, mudanças na pele e no peso. Além disso, são comuns os relatos de que se sentem com uma “aparência adoecida” pela perda de pelos corporais, descoloração das unhas, pele amarelada ou aparecimento de feridas, causadas pela quimioterapia e radioterapia. Essa autopercepção leva as sobreviventes a terem uma visão negativa sobre a sua aparência, se sentindo esteticamente inferiores, menos atraentes, menos femininas e até mesmo constrangidas com os seus corpos (ÁLVAREZ-PARDO *et al.*, 2023).

O processo saúde-doença no câncer de mama é estressante tanto para as sobreviventes, quanto para os familiares e cônjuges, alterando as estruturas familiares. São criadas estratégias com o objetivo de superar as barreiras impostas pela doença, como mudanças no orçamento familiar, na rotina, nos projetos de vida e na sexualidade. Neste contexto, o abandono está intrinsecamente ligado a fatores como a qualidade da relação anterior à doença, a evolução do câncer, o papel da sobrevivente na estrutura familiar, as mudanças orgânicas e físicas causadas pelos tratamentos invasivos, entre outros (TAVARES; TRAD, 2009).

No Brasil, os números relacionados ao desamparo das sobreviventes do câncer de mama são significativos. Segundo a Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM), 70% das mulheres diagnosticadas com câncer sofrem abandono por parte de seus companheiros, além de terem que lutar contra as dificuldades inerentes a sua condição de saúde (BRASIL, 2023). Além disso, cerca de 27% das sobreviventes relatam falta de apoio financeiro, enquanto 13% sentem falta de uma companhia, como alguém para conversar (COFEN, 2014).

A partir desse contexto, as sobreviventes do câncer de mama buscam por alternativas para mitigar esses sintomas e/ou limitações. O uso da MAC, principalmente entre pacientes com câncer de mama, tem se tornado extremamente popular, representando uma das terapias com as maiores taxas de crescimentos em todo o mundo. Dentre os principais objetivos estão

o fortalecimento do sistema imunológico, combater os efeitos adversos dos tratamentos invasivos, melhorar a qualidade de vida e diminuir os níveis de depressão e ansiedade (NAHLEH; TABBARA, 2003). Nos Estados Unidos, um estudo mostrou que 60% das mulheres diagnosticadas com câncer de mama faziam uso das atividades oferecidas pela MAC (NEUHOUSER *et al.*, 2017). Em Taiwan, a adesão a essas terapias atingiu 82% das pacientes, demonstrando um crescimento significativo no país (CHIN *et al.*, 2020).

Apesar do cenário apresentado, é muito comum que sobreviventes do câncer de mama tenham transtornos psiquiátricos não diagnosticados e, conseqüentemente, não tratados. Por ser uma doença estigmatizante, as sobreviventes nutrem sentimentos de desesperança, medo, angústia e até mesmo desinformação acerca da sua condição biopsicossocial, menosprezando uma condição patológica em detrimento da outra (BRASIL, 2020). Assim sendo, é de fundamental importância o cuidado integral da pessoa com câncer de mama, desde a prática de atividades físicas até a saúde sexual e, especialmente, a saúde mental e o seu bem-estar geral (BRASIL, 2024).

2.4 OS BENEFÍCIOS TERAPÊUTICOS DA INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL

Recentemente, cães e outros tipos de animais de estimação começaram a ser introduzidos em ambientes de trabalho como forma de prevenção à Síndrome de *Burnout* (CRMV SP, 2012). A presença dos cães, associou-se a sentimentos mais positivos, maior entusiasmo, melhora do humor, maior satisfação pessoal e redução dos níveis de depressão relacionados ao trabalho que, conseqüentemente, se associa a uma diminuição da intenção de abandonar o emprego (JENSEN *et al.*, 2024).

Os idosos formam outro grupo que tem aproveitado os benefícios terapêuticos proporcionados pelas terapias com animais. Notou-se que o auxílio se dá principalmente em relação às manifestações de distúrbios cognitivos. A maioria dos estudos, indicou uma melhoria significativa nos sintomas comportamentais e na melhoria das relações sociais. Os pássaros trouxeram benefícios psicológicos, enquanto os cães estimulam a socialização, como sorrir ou iniciar uma conversa. Verificou-se também que os animais têm um grande poder de influenciar no comportamento de idosos com demência, como na diminuição da agressão verbal. Há também evidências de que os animais trazem benefícios físicos e diminuem os sentimentos de solidão (CHERNIACK; CHERNIACK, 2014).

Além dos benefícios psicológicos, também se verificam resultados positivos na melhoria da saúde cardiovascular. Pacientes que após o primeiro ano de um Infarto Agudo do

Miocárdio (IAM) e que realizaram caminhadas regulares de 15 minutos, três vezes ao dia, demonstraram uma capacidade física melhor em comparação ao grupo controle. Portanto, sugere-se que os cães têm um impacto significativo pois induzem seus tutores a manter uma rotina de atividades físicas, auxiliando na recuperação da sua capacidade cardiovascular (RUZIC, 2011).

Em relação à saúde física, os benefícios não se restringem apenas aos pacientes com problemas cardiovasculares. A interação de animais de várias espécies demonstrou eficácia ao motivar seus tutores a realizarem movimentações corporais, gerando um benefício mútuo. Considerando que a falta de atividades físicas se constitui um fator de risco para o aumento da obesidade e o desenvolvimento de doenças crônicas, o uso de animais constitui uma ferramenta facilitadora para a promoção de exercícios regulares, bem como uma fonte de motivação e apoio social, auxiliando na redução da solidão (FRIEDMANN; KRAUSE-PARELLO, 2018).

Nos Estados Unidos, cães foram utilizados para avaliar a redução dos níveis de sintomas do TEPT em veteranos de guerra. Aqueles que participaram do programa e tiveram interações com os animais, demonstraram uma redução dos sintomas de estresse pós-traumático, isolamento, autojulgamento e demonstraram um aumento dos sentimentos de autocompaixão, comparado aos que não foram expostos a essa interação (BERGEN-CICO, 2018).

Outra condição em que a terapia com animais tem sido utilizada com frequência é nas terapias voltadas a pacientes com esquizofrenia. Após a interação com cães, observou-se que houve uma melhoria significativa nos sintomas negativos, incluindo a apatia, associabilidade, alergia e anedonia. Os cães agiram como catalisadores sociais, facilitando a comunicação entre os pacientes e seus terapeutas. Desta forma, o uso de animais se tornou uma abordagem valiosa para o processo de reabilitação psicossocial (CALVO, 2016). Há também, estudos que indicam melhorias nos sintomas positivos (como alucinações e desorganização conceitual) e na psicopatologia geral (como tensão, posturas anormais, retardo motor e controle de impulsos) (CHEN *et al.*, 2021).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta-se como uma condição em que há uma abrangência significativa de estudos relacionados à terapia com animais, além de ser amplamente utilizado como terapia adjuvante para combater sintomas associados ao TEA em todo o mundo. Percebeu-se que após a terapia com animais, pessoas adultas com autismo tiveram uma diminuição da percepção de estresse, dos sintomas de agorafobia, e também houve um indicativo de uma redução de sintomas depressivos. Além disso, os participantes

tiveram um aumento significativo na adesão ao tratamento, sendo que todos os participantes do estudo estiveram presentes em pelo menos nove das dez sessões (WIJKER, 2019). Outros estudos, observaram melhorias relevantes no desenvolvimento cognitivo, do funcionamento motor e sensorial, além das funções sociais, habilidades sociais e comportamentais (XIAO *et al.*, 2023; SISSONS *et al.*, 2022).

3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

Trata-se de uma revisão sistemática com abordagem quantitativa e qualitativa, com o objetivo de avaliar se o uso de animais como adjuvantes aos tratamentos convencionais pode proporcionar benefícios voltados à redução ou prevenção dos efeitos deletérios sobre a saúde mental e o bem-estar geral de mulheres diagnosticadas com câncer de mama. Esta revisão foi conduzida conforme as diretrizes do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) e foi submetida ao *International Prospective Register of Systematic Reviews* (PROSPERO), sob o número de registro 1048219, encontrando-se, até o momento, em fase de aprovação. Para formular a questão norteadora desta pesquisa, utilizou-se a estratégia PICO, definida pelo seguinte questionamento: Quais são as diferenças nos impactos psicossociais em mulheres com câncer de mama que interagem com animais, comparado àquelas que não interagem?

3.2 BASE DE DADOS E ESTRATÉGIA DE BUSCA

A estruturação da estratégia de busca teve início entre março e abril de 2025 e passou por diferentes etapas até obtermos êxito na construção do conjunto de descritores que pudessem buscar artigos relevantes e elegíveis para essa revisão.

Inicialmente, utilizamos descritores relacionados ao uso de animais e ao câncer de mama, tais como ("Animal-Assisted Therapy" OR "Animal-Assisted Intervention" OR "Animal-Assisted Activities" OR "Pet Therapy" OR "Animal Ownership") AND ("Breast Cancer"). Entretanto, os resultados não foram satisfatórios, gerando poucos artigos e deixando de fora vários artigos com potencial de uso. Além disso, identificamos uma diversidade de conceitos e terminologias em relação ao uso de animais na saúde, incluindo variações como canine-assisted therapy, dog-assisted therapy, canine therapy, dog therapy, dog ownership, entre outras, reforçando a complexidade de busca desses estudos.

Frente a essa limitação, realizamos uma busca manual, visando reunir os artigos mais relevantes e de maior impacto sobre o tema. A partir dessa busca, notamos que por se tratar de uma revisão que abrange diversas áreas — incluindo saúde mental, prática de atividades físicas, suporte social, etc — os descritores eram muito abrangentes, levando a resultados que não se relacionavam com o tema central.

Essa busca manual nos permitiu identificar artigos que os descritores iniciais não haviam identificado, além realizar o refinamento dos descritores, ampliando os resultados de interesse e garantindo uma maior eficácia, sensibilidade e precisão nas buscas. Após esse processo de construção, os descritores finais utilizados nesta revisão estão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Base de dados e combinações dos descritores utilizados nessa revisão.

Base de dados e descritores	
PubMed	("animal-assisted therapy" OR "pet therapy" OR "equine-assisted therapy" OR "hippotherapy" OR "companion animals" OR "pet ownership" OR "dog ownership") AND ("breast cancer" OR "breast neoplasms"[MeSH Terms] OR "breast cancer survivors" OR "cancer survivors" OR "advanced cancer") AND ("quality of life" OR "psychological support" OR "emotional well-being" OR "rehabilitation" OR "palliative care" OR "physical activity" OR "well-being" OR "social support" OR "counseling"))
Web of Science	TS=("animal-assisted therapy" OR "pet therapy" OR "equine-assisted therapy" OR "hippotherapy" OR "companion animals" OR "dog ownership" OR "pet ownership") AND TS=("breast cancer" OR "breast neoplasms" OR "breast cancer survivors" OR "cancer survivors" OR "advanced cancer" OR "breast cancer diagnoses") AND TS=("quality of life" OR "psychological support" OR "emotional well-being" OR "rehabilitation" OR "palliative care" OR "physical activity" OR "social support" OR "mental health" OR "counseling")
Scopus	("animal-assisted therapy" OR "pet therapy" OR "equine-assisted therapy" OR "hippotherapy" OR "companion animals" OR "dog ownership" OR "pet ownership") AND TITLE-ABS-KEY ("breast cancer" OR "breast neoplasms" OR "breast cancer survivors" OR "cancer survivors" OR "advanced cancer" OR "breast cancer diagnoses") AND TITLE-ABS-KEY ("quality of life" OR "psychological support" OR "emotional well-being" OR "rehabilitation" OR "palliative care" OR "physical activity" OR "social support" OR "mental health" OR "counseling")

Fonte: Os autores, 2025.

3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Foram incluídos estudos publicados em língua inglesa, entre os anos de 2014 e 2023, indexados em bases de dados amplamente reconhecidos, como PubMed, Scopus e Web of Science. Nesses estudos deveriam conter obrigatoriamente a interação de pacientes com animais de uma ou mais espécies (cães, gatos, cavalos, pássaros, etc), seja para fins terapêuticos (como na TAA) ou para fins recreativos (como no caso de animais domésticos). A população alvo da nossa revisão foram pacientes diagnosticadas com câncer de mama, acima de 18 anos, independente do estágio, fase do tratamento ou tempo de diagnóstico da doença. Devido a baixa abrangência do tema, selecionamos artigos com leitura livre e com acesso restrito, bem como artigos que incluíram outros tipos de câncer, desde que esses tivessem informações específicas e segmentadas sobre as pacientes com câncer de mama.

Foram excluídos artigos publicados em idiomas diferentes do inglês, não indexados em plataformas confiáveis ou indexados em plataformas de baixa credibilidade, que não utilizaram intervenção com animais e com mais de 11 anos de publicação (antes de 2014). Além disso, foram excluídos estudos que não incluíam a população alvo ou que incluíam, mas que os resultados se entrelaçam com outros tipos de cânceres, bem como artigos que não apresentaram resultados conclusivos em relação à intervenção.

3.4 EXTRAÇÃO DE DADOS

Inicialmente, dois pesquisadores independentes (GFN e MDG) reuniram os estudos identificados nas bases de dados no *software* Zotero, versão 7.0.19, visando a eliminação de artigos duplicados. Posteriormente, os títulos e resumos foram triados, considerando os critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos. Após essas etapas iniciais, realizou-se uma nova avaliação por meio da leitura integral dos artigos, a fim de verificar a metodologia e confirmar a elegibilidade dos estudos para a amostra final.

Ao fim do processo, oito estudos tornaram-se elegíveis e foram incluídos nessa revisão, por cumprirem todos os critérios estabelecidos previamente. Durante todos os processos, os pesquisadores (GFN e MDG) receberam orientações de uma terceira pesquisadora (GM) que ofereceu suporte e auxílio na resolução de eventuais limitações, dúvidas ou discordâncias.

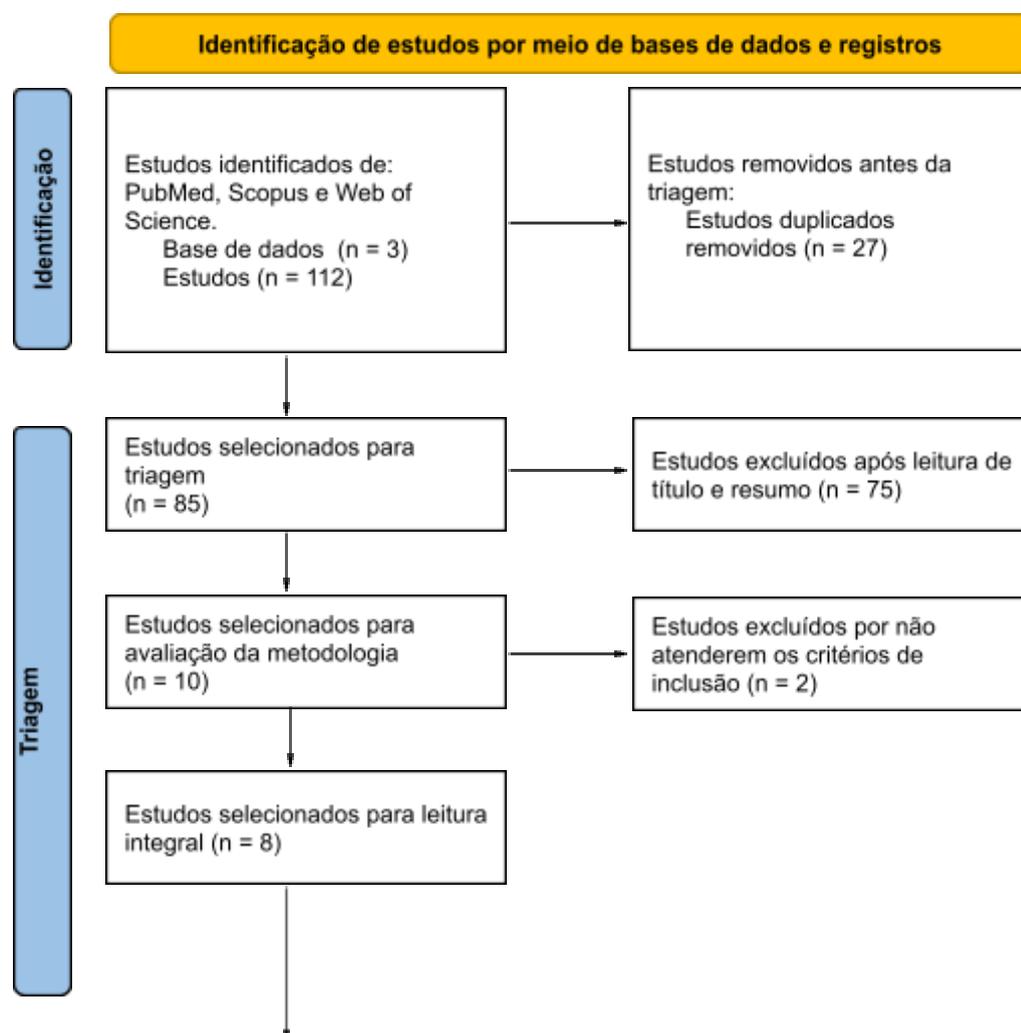
A análise dos resultados e a coleta de dados foi realizada manualmente, diretamente dos estudos incluídos, sem a necessidade da utilização de ferramentas estatísticas ou *softwares* adicionais. Os resultados extraídos foram interpretados a partir de uma abordagem

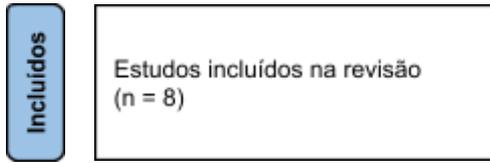
quantitativa e qualitativa, com o objetivo de elaborar resultados mais abrangentes. Foram extraídas informações como autor(es) principal(is), ano de publicação, país do estudo, amostra da população, tipo de estudo e resultados principais.

3.5 SELEÇÃO DE ESTUDOS

A busca realizada nas plataformas PubMed, Scopus e Web of Science resultou na identificação de 112 publicações. Na primeira etapa de seleção, 27 estudos foram removidos por serem duplicados nas bases de dados utilizadas. Após a avaliação inicial, dos 85 estudos restantes, 75 foram excluídos após a leitura dos títulos e resumos, e outros dois foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão. Desta forma, oito estudos restaram para a leitura integral e, destes, todos foram incluídos na revisão. A Figura 1 ilustra todo o processo de seleção dos estudos.

Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção dos estudos utilizados na revisão sistemática.





Fonte: Os autores, 2025.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 PREVENÇÃO E REABILITAÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS

Currin-McCulloch et al. (2023) evidenciou que os animais de estimação tiveram um papel ativo na melhoria da saúde mental e no auxílio do controle da dor. O estudo sugere que o companheirismo mútuo entre o animal e seu tutor, amenizam os sentimentos de solidão e abandono, através da presença dos animais e do toque físico, assim como na percepção de amor incondicional e de lealdade. Além disso, os animais de estimação proporcionam um senso de propósito e motivação para os seus tutores na luta pela sobrevivência, como relata uma das participantes: “me deram coragem para viver...bem como alguma esperança para o futuro”.

Ainda nesse estudo, outra participante relatou como os animais de estimação agem como uma ferramenta eficaz de prevenção a ideações suicidas: “[...] cheguei a ter a ideia do suicídio, mas os meus cães conseguiam sentir o meu estado depressivo quando estou em silêncio, sentada calmamente num quarto sozinha...eles olhavam para mim e abanavam a cauda...[eu] pensava que eles precisavam que eu os segurasse”. Portanto, muitos participantes afirmaram que ter um animal de estimação foi de fundamental importância, pois eles foram fontes de conforto, amor e companheirismo nos momentos mais estressantes da doença.

Os resultados do estudo de Kogan, Currin-McCulloch e Cook (2023) indicam que o fator protetivo proporcionado pelos animais com a maior média relativa foi o apoio afetivo, percebido por aproximadamente 80% das pacientes com câncer de mama, fazendo com que se sentissem necessárias e amadas na maior parte do tempo ou o tempo todo. Além disso, aproximadamente 85% das entrevistadas, associaram os animais de estimação como amortecedores de variantes emocionais, como proporcionar as pacientes um ambiente calmo, dividindo um tempo de silêncio mútuo; além de 81% das respostas também associar que os animais mantém uma “presença positiva” no ambiente domiciliar e, cerca de 74% das pacientes reconheceram que seus animais de estimação serviam como verdadeiros confidentes, permitindo que elas pudessem externalizar seus desabafos dos mais íntimos e preocupações, sem medo de serem julgadas.

Neste mesmo estudo, identificou-se que o apego aos animais de estimação, avaliado pela escala Lexington Attachment to Pets Scale (LAPS), é o único preditor significativo para as quatro dimensões de apoio (emocional, social, afetivo e tangível), indicando que quanto maior o apego da pessoa ao seu animal de estimação, maior a percepção de suporte percebido.

No entanto, vale destacar que as pacientes com câncer, sem filhos, tendem a relatar um apego maior aos seus animais em comparação com as que têm filhos.

Já o estudo de McGhee, Dempster e Graham-Wisener (2022) aborda como o diagnóstico de câncer de mama avançado gera um sofrimento psicológico intenso e a importância dos animais de estimação no processo de mitigar esses efeitos nocivos. Essa importância é enfatizada no relato das participantes que sugerem melhorias psicológicas imediatas, apenas por estarem perto dos seus animais de estimação. O estudo também sugere que a motivação extrínseca gerada através de ações de cuidado do tutor com o animal e a parceria protetora, promovem a ativação comportamental que são considerados fatores de proteção importantes para prevenir quadros de depressão e reduzir outras psicopatologias durante o avanço do câncer. Uma das participantes relata que “uma das coisas que mais aproveito é poder levá-la para passear, já que isso me mantém ativa... Mesmo que você não sinta vontade de sair, precisa levá-la para passear. Então, isso é uma coisa prática que aprendi com isso”. Ela afirma que a ativação comportamental é um dos maiores benefícios oferecidos pelo animal de estimação, destacando que, sem essa presença, essa estimulação poderia ser negligenciada.

No estudo de Viruega et al. (2023) foi realizada uma comparação entre pacientes com câncer de mama expostas à equoterapia e aquelas não expostas, visando avaliar os benefícios proporcionados por essa intervenção terapêutica. Para a avaliação foi utilizado a escala Hospital Anxiety and Depression Scale (HADS), e os resultados evidenciaram que a equoterapia atuou como uma ferramenta relevante na redução dos sintomas depressivos e ansiosos. No grupo exposto, a pontuação inicial média para depressão foi de 6,14, reduzindo para 5,14 após a primeira avaliação pós-tratamento e 3,89 na avaliação final. Em contraste, o grupo não exposto apresentou resultados modestos, com uma pontuação inicial de 7,04, aumentando para 7,43 na primeira avaliação e reduzindo para 6,5 ao final.

De forma semelhante, os níveis de ansiedade mostraram uma redução significativa no grupo submetido a equoterapia em comparação ao grupo controle. No grupo experimental, a pontuação inicial foi de 10, reduzindo para 8,28 após a primeira avaliação e para 6,83 na avaliação final. No grupo controle, a pontuação inicial foi de 10,3, reduzindo para 9,93 e 8,04 na avaliação final, demonstrando uma melhora, porém menos significativa que a equoterapia.

Esses resultados evidenciam que a equoterapia foi eficaz na redução constante de sintomas depressivos e ansiosos em comparação aos métodos convencionais, apresentando um potencial terapêutico promissor para mitigar essas condições em pacientes diagnosticadas com câncer de mama.

4.2 PERCEPÇÃO DA AUTOIMAGEM

Viruega et al. (2023) realizou um estudo com o objetivo de demonstrar a eficácia da equoterapia como um tratamento adjuvante ao convencional, avaliando a percepção da autoimagem das sobreviventes do câncer de mama, através do questionário Body Image Scale (BIS). Ao fim de um programa de 6 meses de atividades, constatou-se uma melhora significativa na percepção de autoimagem entre o grupo de mulheres expostas à equoterapia em contraste ao grupo não exposto. Dessa forma, constatamos que através da interação com cavalos e das atividades propostas pela equoterapia, as participantes do estudo obtiveram melhorias significativas nos aspectos emocionais e psicológicos, e dessa forma, reconstruíram sua autoestima e autopercepção.

Cerulli et al. (2014) obteve resultados semelhantes, constando que através das atividades físicas proporcionadas pela equoterapia, as sobreviventes do câncer de mama tiveram benefícios que foram além das melhorias físicas, beneficiando o aspecto emocional e psicológico. Através desses benefícios, associado ao contato físico com o animal, gerou-se uma “sensação corporal” que auxiliou as sobreviventes na reabilitação de transtornos mentais e, conseqüentemente, a retomar o contato afetivo e consciente com o próprio corpo. Esse processo desempenhou um papel crucial para a volta do sentimento de feminilidade, autoestima e autoconfiança.

4.3 PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS

Forbes et al. (2017) avaliou a relação entre a posse de cães e os níveis de atividade física e constatou que todas as pacientes com câncer de mama que possuíam animais de estimação apresentaram respostas satisfatórias na realização de atividades físicas, demonstrando uma diferença estatisticamente significativa em comparação às pacientes sem animais de estimação (143 vs. 79 minutos; IC 95% = +25 a +102; $p = 0,001$). Além do mencionado, em relação às práticas moderadas e vigorosas, não foram encontradas diferenças significantes, possivelmente por conta das mudanças físicas e fisiológicas causadas pela progressão da doença e pelos tratamentos invasivos que acabam impossibilitando a realização desses tipos de atividades.

Já o estudo de Cerulli et al. (2014) demonstrou que a hipoterapia trouxe benefícios físicos para pacientes com câncer de mama comparáveis aos de outras modalidades de atividades físicas. A terapia com cavalos estimulou o aumento do volume máximo de oxigênio consumido (VO_{2max}) em 28%, da água corporal total em 6,9%, além de uma

redução significativa na gordura corporal de 7,73%. Houve também um aumento significativo na força muscular em todos os principais grupos musculares, bem como o esforço cardiovascular nesses pacientes, alcançou, em média, entre 65% e 70% de aumento no ritmo cardíaco.

No estudo de Kogan, Currin-McCulloch e Cook (2023), observou-se que no domínio “suporte tangível” do instrumento modificado (MOS-SS-P), a maioria das pacientes atribuiu ao animal de estimação um papel de incentivo à prática de atividades físicas. O item “Promover esforços para se manter ativo e se movimentar” alcançou aproximadamente 70,5% de respostas ao somar o resultado das categorias “na maior parte do tempo” ou “o tempo todo”. De forma semelhante, “Promover o desejo de ser fisicamente saudável” e “Promover a capacidade de manter uma rotina regular” obtiveram percentuais de 69,4% e 72,8%, respectivamente, na soma dessas mesmas categorias. Além disso, cerca de 67,2% das participantes reconheceram que os seus animais de estimação as incentivam a sair ao ar livre de modo frequente ou constante.

Por sua vez, o estudo de McGhee, Dempster e Graham-Wisener (2022), destacou que os cães de estimação conseguem ativar gatilhos externos capazes de gerar mudanças comportamentais e estimular de maneira ativa a realização de atividades físicas de pequenas intensidades, através de cuidados para atender as necessidades básicas do animal. Uma das participantes do estudo relata que “uma das coisas que eu mais aproveito é ter que levá-la para passear, sendo que isso me mantém ativa. Mesmo que você não tenha vontade de sair, você tem que levá-la para passear. Então isso é uma espécie de coisa prática que eu tirei disso”. A participante demonstra que foi necessário mudar seus padrões comportamentais para conseguir cuidar de sua cadela, fazendo com que ela conseguisse ter uma rotina diária de exercícios físicos.

Tabela 2 – Uso de animais na promoção da saúde mental e do bem-estar geral em pacientes com câncer de mama: resultados de estudos.

Autor (Ano)	País	Animais utilizados	Tipo de câncer (n=)	Tipo de estudo	Principais resultados
Currin-McCulloch et al. (2023)	EUA	Cães e gatos	Mama (n=221)	Estudo aberto, transversal e de método misto	Os animais de estimação oferecem diversos benefícios às sobreviventes do câncer de mama, como conforto, motivação, amor incondicional, lealdade, alegria, esperança, distração nos momentos difíceis, afeição, amizade e companheirismo. Além disso, mostraram-se eficazes na prevenção de ideias suicidas. Entretanto, os sobreviventes relataram sentimentos de frustração e culpa, por muitas vezes não atenderem as necessidades de seus animais, além de um impacto financeiro negativo.
Kogan; Currin-McCulloch; Cook et al. (2023)	EUA	Cães e gatos	Mama (n=211)	Estudo transversal	As participantes demonstraram um nível alto de apego aos seus animais, medida pela LAPS (M = 56,47; DP = 10,25; $\alpha = 0,92$; intervalo: 18–69). A qualidade de vida foi avaliada pela FACT-G7 e teve média de 13,73 (DP = 4,99; $\alpha = 0,70$; intervalo: 2–28). O suporte percebido, mensurado pela MOS-SS-P, apresentou média total de 79,90 (DP = 13,00; $\alpha = 0,92$; intervalo: 41–100), com as seguintes subdimensões: suporte emocional (M = 28,52; SD = 5,14; $\alpha = 0,87$; intervalo: 14–35), interação social (M = 12,32; SD = 2,49; $\alpha = 0,84$; intervalo: 4–15), afeto (M = 12,92; SD = 2,38; $\alpha = 0,84$; intervalo: 6–15) e suporte tangível (M = 26,14; SD = 5,32; $\alpha = 0,80$; intervalo: 12–35). As preocupações relacionadas ao cuidado dos animais, avaliadas pela PCQ-P, tiveram média por item de 3,07 (DP = 1,13; $\alpha = 0,96$), dentro de uma escala de 1 a 5.

					Por fim, a escala de culpa apresentou média por item de 3,49 (DP = 0,90; $\alpha = 0,90$), com pontuação total variando de 8 a 35 entre os participantes.
White et al. (2015)	Canadá	Cães	Mama (n=8)	Estudo qualitativo e de caráter intervencionista	A presença de um cão terapeuta nas sessões de aconselhamento fez com que as sobreviventes do câncer de mama encarassem as sessões com uma expectativa positiva, ao invés de temê-las. O cão terapeuta agiu como um elemento motivador, incentivando uma maior participação na terapia. Ademais, sua presença teve um papel crucial ao incentivar a partilha de sentimentos, auxiliando no avanço da psicoterapia e trazendo vantagens relevantes para as sobreviventes.
Forbes et al. (2017)	Canadá	Cães	Mama (n=248); próstata (n=253); colorretal (n=240).	Estudo de corte transversal com amostra estratificada aleatória	As sobreviventes do câncer de mama que possuem cães não tiveram uma diferença significativa na realização de atividades físicas moderadas ou vigorosas em comparação às que não possuem. Entretanto, tiveram um aumento significativo na realização de atividades físicas leves comparado às que não possuem cães (143 vs. 79 minutos; IC 95% = +25 a +102; p = 0,001).
McGhee; Dempster; Graham-Wisener et al. (2022)	Reino Unido	Cães	Mama (n=2); mama e bexiga (n=1); boca (n=1); próstata (n=1); glioma anaplásico (n=1).	Estudo qualitativo com entrevista semiestruturada	O vínculo entre humanos e animais pareceu superar as relações humanas, podendo esta relação ser justificado pela Teoria do Apego. Esse vínculo promoveu mudanças comportamentais e psicológicas positivas, contribuindo para a redução do isolamento social, promovendo a reintegração do sobrevivente na sociedade, bem como a melhora do seu estado cognitivo. Eles ofereceram suporte emocional, social e existencial, tornando-se aliados na redução dos impactos físicos e psicológicos associados à doença.

Ginter; Braun (2019)	EUA	Cães e gatos	Mama (n=20)	Estudo qualitativo	As sobreviventes sentiam que os seus animais de estimação possuíam “percepções metafísicas” sobre o seu estado de saúde, notando quando estavam doentes ou debilitadas. Além de trazer conforto e auxiliar na melhoria do humor quando mais precisavam, eles foram de fundamental importância na prevenção de ideações suicidas, pois as sobreviventes sentiam que deveriam estar ali para cuidar dos seus animais. Além disso, foram a fonte de apoio mais importante que tiveram durante a sua doença, valorizando a relação humano-animal, acima das relações humanas.
Viruega et al. (2023)	França	Cavalos	Mama (n=66)	Ensaio clínico randomizado, controlado e cego	No questionário EORTC QLQ-C30, o grupo experimental apresentou uma melhora significativa na qualidade de vida (qui-quadrado de Friedmann = 27,706; df = 2; p = 9,631 × 10 ⁻⁷), enquanto o grupo controle não apresentou mudanças (qui-quadrado = 2,902; df = 2; p = 0,2343). Resultados semelhantes foram obtidos no questionário EORTC QLQ-BR23. Na avaliação cognitiva (FACT-Cog V3), o grupo de hipoterapia teve melhores resultados (qui-quadrado = 11,881; df = 2; p = 0,002631), quando comparados ao grupo controle (qui-quadrado = 4; df = 2; p = 0,1353). Quanto à fadiga, medida pelo MFI-20, o grupo experimental apresentou melhora significativa (qui-quadrado = 16,623; df = 2; p = 0,0002457), sem diferença no grupo controle (qui-quadrado = 0,58491; df = 2; p = 0,7464). Por fim, os níveis de ansiedade e depressão, avaliados pela escala HADS, também diminuíram significativamente no grupo experimental (ansiedade: qui-quadrado = 27,421; df = 2; p = 1,11 × 10 ⁻⁶ ; depressão: qui-quadrado = 13,339; df = 2; p = 0,001269), sem alterações relevantes no grupo controle.

Cerulli et al. (2014)	Itália	Cavalos	Mama (n=20)	Ensaio clínico randomizado, controlado e piloto com dois grupos	O VO ₂ max apresentou um aumento significativo ($p < 0,001$; $g^2p = 0,876$, aumento de 28%) somente no grupo de intervenção (grupo controle: $p = 0,572$). Na porcentagem de gordura houve uma redução significativa ($p = 0,002$; $g^2p = 0,673$, redução de 7,73%) somente no grupo de intervenção (grupo controle: $p = 0,221$). Na porcentagem de água corporal total, as sobreviventes apresentaram um aumento significativo ($p = 0,027$; $g^2p = 0,436$, aumento de 6,9%) somente no grupo de intervenção (grupo controle: $p = 0,585$). Houve um aumento significativo na força muscular em todos os principais grupos musculares no grupo de intervenção. Em relação às avaliações que medem a qualidade de vida os resultados foram FACIT-F ($p = 0,010$), escore total do FACT-G ($p = 0,022$) e escore total do FACIT-F ($p = 0,004$), revelando um aumento significativo em todos os escores apenas para o grupo de intervenção.
-----------------------	--------	---------	-------------	---	---

Fonte: Os autores, 2025.

4.4 ADESÃO AO TRATAMENTO CONVENCIONAL

O estudo de White et al. (2015) abordou como as sobreviventes do câncer de mama percebiam as sessões de aconselhamento associadas à experiência da TAA, com o objetivo de avaliar a aceitabilidade e, possivelmente, uma maior adesão às sessões de aconselhamento.

As participantes revelaram que as obrigações de comparecer às diversas consultas médicas relacionadas ao câncer de mama eram estressantes, difíceis e confrontadoras, incluindo participar das sessões de aconselhamento. Ao integrar o cão as sessões, as participantes tiveram a percepção de estarem menos estressadas e ansiosas, além de se sentirem mais confortáveis e relaxadas. Além disso, começaram a ansiar pelas sessões, tornando o ambiente mais acolhedor e amistoso.

De acordo com esse mesmo estudo, a presença do cão foi fundamental para a manutenção de um ambiente que diminuía a intensidade e formalidade, tornando as sessões mais tranquilas, informais e divertidas. Muitos participantes valorizavam a troca de afetos entre eles e o cão, seja no toque, lambidas ou carinhos. Essa interação era fundamental quando os participantes tinham que reorganizar seus pensamentos ou sentimentos. Todos os participantes da pesquisa tiveram a percepção de que o cão aprimorou e trouxe benefícios para as sessões, indicando que recomendariam a TAA a outros pacientes, exceto se tivessem medo de animais. Os resultados também sugerem que a TAA pode auxiliar na adesão de sessões de terapia e explorar de forma mais profunda as emoções e sentimentos dos participantes.

4.5 SUPORTE E REINTEGRAÇÃO SOCIAL

No estudo de McGhee, Dempster e Graham-Wisener (2022), todos os participantes que tiveram o diagnóstico de câncer de mama avançado relataram que o sentimento de isolamento aumentou, reduzindo a percepção de disponibilidade de apoios sociais e promovendo sentimentos de solidão. Ao mesmo tempo, os cães de estimação agiram como facilitadores e promotores da reintegração social, proporcionando às sobreviventes apoios sociais que amenizam os sentimentos negativos. Os cães de estimação facilitaram esse processo através de ferramentas de interação social, atraindo suportes externos que as sobreviventes não teriam acesso de outra maneira. Uma das participantes relatou aos entrevistadores: “Eu conheci muito mais pessoas...Isso provavelmente faz você se sentir um pouco mais integrado a tudo e provavelmente há pessoas a quem você poderia pedir apoio se

precisasse [...]”. A participante relata que o cão atua como uma ferramenta facilitadora na construção de relações sociais relevantes, conferindo-lhe uma sensação de pertencimento e um maior apoio social.

Segundo Currin-McCulloch et al. (2023), durante o processo saúde-doença as sobreviventes do câncer de mama frequentemente buscavam apoio e companhia para superarem momentos difíceis da doença. Essa companhia e apoio, foram encontradas nos animais domésticos que forneceram conforto e um senso de propósito durante momentos difíceis, como relata uma das participantes: “Eles sempre estavam lá para mim, não importa o que acontecesse — para me amar incondicionalmente! Eles eram meu 'esquadrão de apoio' nos bons e maus momentos!”. Portanto, constatamos que para muitas das sobreviventes, seus animais de estimação eram os únicos companheiros, servindo-lhes como uma proteção contra impactos negativos causados pela doença.

Já Kogan, Currin-McCulloch e Cook (2023) utilizaram uma adaptação da Medical Outcomes Study Social Support Survey - Pet Modified (MOS-SS-P) para avaliar a percepção de apoio que as sobreviventes tinham em relação aos seus animais de estimação. A escala contou com 20 itens divididos em 4 sub dimensões: emocional, social, afetuoso e tangível. O resultado para o suporte social geral foi de 79,90 (DP = 13,00, intervalo de 41–100), enquanto para as subdimensões foram: Emocional (M = 28,52, DP = 5,14, intervalo = 14–35); Social (M = 12,32, DP = 2,49, intervalo = 4–15); Afetuoso (M = 12,92, DP = 2,38, intervalo = 6–15); e Tangível (M = 26,14, DP = 5,32, intervalo = 12–35). Estes resultados demonstraram a eficácia dos cães ao suprir necessidades sociais, sendo os itens com melhores avaliações “um parceiro para relaxar (77%)” e “um parceiro para aproveitar as atividades diárias juntos (77%)”.

Por sua vez, Ginter e Braun (2019) avaliaram todas as formas de suporte social e sua relação com as sobreviventes do câncer de mama. O suporte social fornecido pelos cães domésticos foi citado como benéfico, evidenciado pelo relato de uma das participantes do estudo: “[...] era a coisa mais importante para mim, porque esse era meu sistema de apoio”. Em síntese, as participantes relataram que os seus animais de estimação foram fontes inestimáveis de apoio, superando inclusive, as relações humanas.

4.6 MELHORIA NA QUALIDADE DE VIDA

Viruega et al. (2023), avaliou participantes que faziam sessões de equoterapia a partir de dois questionários, ambos com intervalos possíveis de 0 a 100. Um deles era adaptado para

pacientes com câncer (EORTC QLQ-C30) e o outro especificamente para pacientes com câncer (EORTC QLQ-BR23). Os resultados mostraram que em ambos os questionários, os participantes expostos a terapia (82.8 ± 11.2 e 71.8 ± 12.4 , respectivamente), obtiveram melhores percepções de qualidade de vida quando comparados aos que não foram expostos (73.3 ± 17.1 e 66.4 ± 10.2 , respectivamente).

Cerulli et al. (2014) também avaliou a percepção da qualidade de vida em praticantes de equoterapia, utilizando a escala FACIT-F, onde o escore total foi obtido a partir de três “subescalas”: FACIT-F Trial Outcome Index (TOI), FACT-G Total Score e FACIT-F Total Score. Os resultados revelaram que o grupo experimental obteve resultados significativos no aumento da percepção de qualidade de vida em comparação ao grupo controle. Após a intervenção, constatou-se um aumento nas três subescalas, com um crescimento de 9,29% no FACIT-F TOI, 14,80% no FACT-G Total Score e 11,48% no FACIT-F Total Score.

Entretanto, o estudo de Kogan, Currin-McCulloch e Cook (2023) mostrou resultados divergentes aos apontados anteriormente. Neste estudo, utilizou-se a escala FACT-G7 para avaliar possíveis melhorias na qualidade de vida das participantes. Os resultados mostraram que de um intervalo possível de 2 a 28, obteve-se a média de 13,73. Isto indica que as participantes que possuíam cães de estimação foram avaliadas como tendo uma qualidade de vida moderada.

4.7 RISCOS E DESAFIOS DA INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL

O estudo de Currin-McCulloch et al. (2023) retratou que as sobreviventes do câncer de mama frequentemente sentiam-se estressadas por não conseguir atender as necessidades dos seus animais, além de terem receio de sobrecarregar outras pessoas, criando sentimentos de culpa e frustração. Devido às limitações físicas causadas pela progressão da doença ou pelos tratamentos invasivos, os animais tiveram uma diminuição da prática de exercícios físicos diários e de atividades cognitivamente enriquecedoras. O tempo gasto em virtude de consultas médicas ou tratamentos, levou os animais a ficarem sozinhos, tornando-os mais carentes e propensos a terem alterações comportamentais, podendo, eventualmente, trazer riscos aos participantes.

Nesse mesmo estudo, as dificuldades financeiras surgiram como outra limitação relevante. Os gastos que a doença gera, associados aos cuidados básicos dos animais de estimação, podem causar uma pressão financeira e promover sentimentos de incapacidade. As participantes compartilharam que lutavam para pagar produtos e serviços simples, como

alimentação, brinquedos, banhos, tosas, vacinas e cuidados veterinários. Uma das participantes relata que “as limpezas dentais tiveram que parar devido ao custo. Além disso, medicamentos para prevenção de dirofilariose e medicamentos para pulgas e carrapatos tive que pular este ano. Eu odeio isso.”

Já o estudo de Kogan, Currin-McCulloch e Cook (2023), abordou os níveis de preocupações em relação à criação de um animal de estimação, através do Questionário de Preocupações Parentais (PCQ) adaptado. A pontuação média total foi de 3,07 em um intervalo possível de 1 a 5, indicando que os participantes dessa pesquisa, possuem níveis de preocupação moderados em relação à criação de seus animais de estimação. O mesmo estudo analisou o nível do sentimento de culpa relacionado aos cuidados com os animais de estimação. Os resultados revelaram uma média de 3,49, de um intervalo possível de 1 a 5, indicando que os participantes tiveram sentimentos de culpa moderados em relação à criação de seus animais.

4.8 CONSELHOS AOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Kogan, Currin-McCulloch e Cook (2023) ressaltaram que apesar das evidências de que os animais trazem uma vasta variedade de benefícios às sobreviventes, apenas metade das participantes do estudo sentiram que os profissionais de saúde apoiaram essa relação. Acredita-se que essa falta de apoio surge do medo de complicações causadas pelo imunocomprometimento das sobreviventes associado aos riscos zoonóticos.

Entretanto, segundo os mesmos autores, os números de infecções não são conhecidos por serem esporádicos e não notificáveis. Apesar disso, a incidência é considerada baixa e para grande parte das sobreviventes, os benefícios superam os riscos. Estudos científicos mostram que pessoas imunocomprometidas não têm riscos adicionais em comparação à população geral. Portanto, como estratégia de redução de possíveis riscos zoonóticos, recomenda-se que haja uma abordagem multidisciplinar para um manejo adequado.

O estudo de Currin-McCulloch et al. (2023) trouxe o relato de uma participante evidenciando o desejo de que “[...] os profissionais médicos possam me dar um plano para uma maneira melhor de me dar bem com meu animal de estimação”, revelando a necessidade que profissionais da saúde, principalmente médicos, iniciassem diálogos sobre os recursos disponíveis e sobre as preocupações, benefícios e cuidados em relação aos seus animais de estimação. Porém, poucos participantes receberam qualquer tipo de conselho ou recomendações referentes a riscos zoonóticos ou cuidados com seu animal de estimação.

De acordo com o mesmo estudo, algumas participantes relatam que além de não terem sido orientadas em relação aos riscos e benefícios de possuir um animal de estimação, foram encorajadas a alojar seus animais de estimação em outros locais, criando sentimentos de angústia e trazendo malefícios à relação médico-paciente. Assim, umas das participantes do estudo, expressou o desejo de que os profissionais dessem recomendações razoáveis a respeito do assunto: “Quero que minha equipe médica saiba sobre meus animais de estimação e dê recomendações razoáveis sobre a maneira correta de lidar com eles, para que aqueles que me aconselham a não ter animais de estimação fiquem sem palavras porque não sabem o quanto eles são importantes para mim”.

Ainda segundo Kogan, Currin-McCulloch e Cook (2023), nota-se que há um número relevante de sobreviventes do câncer de mama que possuem animais de estimação e, desconsiderar o diálogo e recomendações acerca do tema, gera um risco as sobreviventes ao não informá-las sobre os riscos zoonóticos, tranquilizá-las em relação às preocupações e culpas relacionadas aos animais de estimação, além de não aproveitarem os benefícios que os animais podem oferecer para a melhoria do bem-estar geral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo apresenta evidências de que o uso de animais como terapia adjuvante para a prevenção, promoção e reabilitação da saúde, traz inúmeros benefícios às pacientes diagnosticadas com câncer de mama. Os benefícios terapêuticos mais citados nos estudos foram a redução de sintomas relacionados aos transtornos mentais, como ideação suicida, sintomas depressivos e ansiosos. Houve uma melhora na percepção da autoimagem, adesão de tratamentos convencionais e no suporte e reintegração social.

Descobrimos que a terapia com animais atua como uma ferramenta eficaz no estímulo à prática de atividades físicas leves, auxiliando no combate e prevenção das doenças crônicas. Entendemos que devido às limitações impostas pela doença e pelos tratamentos invasivos, as pacientes acabam com pouca capacidade física de realizar exercícios físicos moderados ou vigorosos. Os estudos foram divergentes em relação aos níveis de qualidade de vida, com alguns estudos apresentando melhorias e outros indicando uma qualidade de vida moderada. Sugerimos que este tema seja melhor compreendido em estudos futuros.

Por outro lado, constatamos que a terapia com animais deve ser utilizada com critérios, planejamento, recomendações e orientações dos profissionais de saúde. Sem esse cuidado, ela pode ser prejudicial às pacientes, incluindo a piora da qualidade de vida e aumento de sentimentos negativos, como culpa, ansiedade e frustração, por não atenderem às necessidades dos seus animais de estimação.

Levando em conta a baixa abrangência de estudos na literatura, nota-se uma lacuna de conhecimento a ser preenchida para que questões divergentes ou inconclusivas possam ser solucionadas. Esperamos que com esse estudo possamos contribuir para que os profissionais de saúde conheçam as ferramentas disponíveis para que possamos ter um cuidado integral, considerando todos os fatores biopsicossociais das pacientes diagnosticadas com câncer de mama.

REFERÊNCIAS

- ABTPET. **Por que usamos a palavra “tutor” e não dono de animais?**. 2020. Disponível em: <https://abtpet.org.br/por-que-hoje-usamos-a-palavra-tutor-e-nao-mais-dono-de-animais/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- ÁLVAREZ-PARDO, Sergio *et al.* Factors Associated with Body Image and Self-Esteem in Mastectomized Breast Cancer Survivors. **International Journal Of Environmental Research And Public Health**, [S.L.], v. 20, n. 6, p. 5154, 15 mar. 2023. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph20065154>.
- ARNOLD, Melina *et al.* Current and future burden of breast cancer: global statistics for 2020 and 2040. **The Breast**, [S.L.], v. 66, p. 15-23, dez. 2022. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.breast.2022.08.010>.
- BECK, Alan M.. The Use of Animals to Benefit Humans. **Handbook On Animal-Assisted Therapy**, [S.L.], p. 21-40, 2006. Elsevier. <http://dx.doi.org/10.1016/b978-012369484-3/50004-9>.
- BERCHUCK, Jacob E. *et al.* Association of Mental Health Treatment With Outcomes for US Veterans Diagnosed With Non–Small Cell Lung Cancer. **Jama Oncology**, [S.L.], v. 6, n. 7, p. 1055, 1 jul. 2020. American Medical Association (AMA). <http://dx.doi.org/10.1001/jamaoncol.2020.1466>.
- BERGEN-CICO, Dessa *et al.* Dog Ownership and Training Reduces Post-Traumatic Stress Symptoms and Increases Self-Compassion Among Veterans: results of a longitudinal control study. **The Journal Of Alternative And Complementary Medicine**, [S.L.], v. 24, n. 12, p. 1166-1175, dez. 2018. Mary Ann Liebert Inc. <http://dx.doi.org/10.1089/acm.2018.0179>.
- BERTI, Guilherme Franzon; CASTRO, Rodrigo Caprio Leite de. Nise da Silveira e as espécies companheiras. **Junguiana**, [S.L.], v. 42, p. 1-10, 11 out. 2024. Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. <http://dx.doi.org/10.70435/junguiana.v42.98>.
- BRASIL. Agência Brasil. **Psiquiatra alerta para relação do câncer de mama com doenças mentais**. 2020. Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-10/psiquiatra-alerta-para-relacao-do-cancer-com-doencas-mentais>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- BRASIL. **ORIENTAÇÕES PARA PROFISSIONAIS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NO CUIDADO INTEGRAL DA PESSOA COM CÂNCER DE MAMA**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cartilhas/2024/cuidado-integral-da-pessoa-com-cancer-de-mama.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- BRASIL. **Audiência discute abandono de mulheres por seus parceiros durante tratamento contra câncer**. 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1018980-audiencia-discute-abandono-de-mulheres-por-seus>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil Brasileiro.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 jan. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. Senado Federal. **Natureza jurídica para animais é aprovada no Senado.** 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2019/08/natureza-juridica-para-animais-e-aprovada-no-senado>. Acesso em: 3 fev. 2025.

CALVO, Paula *et al.* Animal Assisted Therapy (AAT) Program As a Useful Adjunct to Conventional Psychosocial Rehabilitation for Patients with Schizophrenia: results of a small-scale randomized controlled trial. **Frontiers In Psychology**, [S.L.], v. 7, 6 mai. 2016. Frontiers Media SA. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00631>.

CAPOTE, Patrícia Sidorenko de Oliveira; COSTA, Maria da Piedade Resende da. Terapia assistida por animais (TAA): aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual. **Edufscar**, [S.L.], p. 15, 2011. EdUFSCar. <http://dx.doi.org/10.7476/9788576002949>.

CARREIRA, Helena *et al.* Associations Between Breast Cancer Survivorship and Adverse Mental Health Outcomes: a systematic review. **Jnci: Journal of the National Cancer Institute**, [S.L.], v. 110, n. 12, p. 1311-1327, 7 nov. 2018. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/jnci/djy177>.

CARVALHO, Filipe Silva *et al.* Cynotherapy in Cancer Pain Management: a pilot study. **Pain Medicine**, [S.L.], v. 22, n. 12, p. 3051-3061, 24 mar. 2021. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/pm/pnab118>.

CERULLI, Claudia *et al.* Therapeutic Horseback Riding in Breast Cancer Survivors: a pilot study. **The Journal Of Alternative And Complementary Medicine**, [S.L.], v. 20, n. 8, p. 623-629, ago. 2014. Mary Ann Liebert Inc. <http://dx.doi.org/10.1089/acm.2014.0061>.

CHEN, Tzu-Ting *et al.* Animal-Assisted Therapy in Middle-Aged and Older Patients With Schizophrenia: a randomized controlled trial. **Frontiers In Psychiatry**, [S.L.], v. 12, 3 ago. 2021. Frontiers Media SA. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2021.713623>.

CHERNIACK, E. Paul; CHERNIACK, Ariella R.. The Benefit of Pets and Animal-Assisted Therapy to the Health of Older Individuals. **Current Gerontology And Geriatrics Research**, [S.L.], v. 2014, p. 1-9, 2014. Hindawi Limited. <http://dx.doi.org/10.1155/2014/623203>.

CHIN, Chieh-Ying *et al.* Complementary and Alternative Medicine Use in Breast Cancer Patients at a Medical Center in Taiwan: a cross-sectional study. **Integrative Cancer Therapies**, [S.L.], v. 19, p. 1, jan. 2020. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1534735420983910>.

COFEN. **A cada 10 mulheres com câncer de mama, uma é abandonada pelo parceiro, diz pesquisa.** 2024. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/10-mulheres-cancer-mama-abandonada-parceiro/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

CURRIN-MCCULLOCH, Jennifer *et al.* Breast cancer survivors' experiences of pet ownership: a qualitative analysis. **Human-Animal Interactions**, [S.L.], 11 out. 2023. CABI Publishing. <http://dx.doi.org/10.1079/hai.2023.0035>.

CRMV SP. **Animais de estimação no ambiente de trabalho são alternativa no combate ao estresse**. 2012. Disponível em: <https://crmvsp.gov.br/animais-de-estimacao-no-ambiente-de-trabalho-sao-alternativa-no-combate-ao-estresse/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

FORBES, Cynthia C. *et al.* Dog ownership and physical activity among breast, prostate, and colorectal cancer survivors. **Psycho-Oncology**, [S.L.], v. 26, n. 12, p. 2186-2193, 11 jan. 2017. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/pon.4324>.

FORTIN, Justine *et al.* The mental health impacts of receiving a breast cancer diagnosis: a meta-analysis. **British Journal Of Cancer**, [S.L.], v. 125, n. 11, p. 1582-1592, 4 set. 2021. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1038/s41416-021-01542-3>.

FRIEDMAN, E.; KRAUSE-PARELLO, C.A.. Companion animals and human health: benefits, challenges, and the road ahead for human-animal interaction. **Revue Scientifique Et Technique de L'Oie**, [S.L.], v. 37, n. 1, p. 71-82, 1 abr. 2018. O.I.E (World Organisation for Animal Health). <http://dx.doi.org/10.20506/rst.37.1.2741>.

GINTER, Amanda C.; BRAUN, Bonnie. Social support needs of breast cancer patients without partners. **Journal Of Social And Personal Relationships**, [S.L.], v. 36, n. 1, p. 43-62, 12 jul. 2017. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0265407517718390>.

HARDY, Kristin K.; WESTON, Robyn N.. Canine-Assisted Therapy for Children with Autism Spectrum Disorder: a systematic review. **Review Journal Of Autism And Developmental Disorders**, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 197-204, 6 dez. 2019. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s40489-019-00188-5>.

HILL, Penny. **The Healing Power of Dogs**. 2014. National Museum Cardiff. Disponível em: <https://museum.wales/articles/1054/The-Healing-Power-of-Dogs/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

IAHAIO. The IAHAIO Definitions for Animal Assisted Intervention and Guidelines for Wellness of Animals Involved in AAI. **Handbook On Animal-Assisted Therapy**, [S.L.], p. 499-504, 2019. Elsevier. <http://dx.doi.org/10.1016/b978-0-12-815395-6.15001-1>.

IZCI, Filiz *et al.* Psychiatric Symptoms and Psychosocial Problems in Patients with Breast Cancer. **Journal Of Breast Health**, [S.L.], v. 12, n. 3, p. 94-101, 13 jul. 2016. AVES Publishing Co.. <http://dx.doi.org/10.5152/tjbh.2016.3041>.

INCA. **CONTROLE DO CÂNCER DE MAMA NO BRASIL: DADOS E NÚMEROS DE 2024**. 2024. Disponível em: <https://ninho.inca.gov.br/jspui/bitstream/123456789/17002/1/Controle%20do%20c%C3%A2ncer%20de%20mamano%20Brasil%20-%20dados%20e%20n%C3%BAmeros%202024.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2025.

JENSEN, Clare L. *et al.* The effects of facility dogs on burnout, job-related well-being, and mental health in paediatric hospital professionals. **Journal Of Clinical Nursing**, [S.L.], v. 30, n. 9-10, p. 1429-1441, 24 mar. 2021. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/jocn.15694>.

KERULO, Greta. *et al.* Animal-assisted interventions: relationship between standards and qualifications. **People and Animals: The International Journal of Research and Practice**, [S. l.], v. 3, n. 1, art. 4, 2020. Disponível em: <https://docs.lib.purdue.edu/paij/vol3/iss1/4>. Acesso em: 20 abr. 2025.

KIBRIA, Ayisha A; METCALFE, Neil H. A biography of William Tuke (1732–1822): founder of the modern mental asylum. **Journal Of Medical Biography**, [S.L.], v. 24, n. 3, p. 384-388, 23 jun. 2016. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0967772014533059>.

KOGAN, Lori R.; CURRIN-MCCULLOCH, Jennifer; COOK, Linda S.. Breast cancer treatment and recovery: pets' roles as emotional buffers and stressors. **Bmc Women'S Health**, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 1, 17 out. 2023. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1186/s12905-023-02662-z>.

MCGHEE, William R. G.; DEMPSTER, Martin; GRAHAM-WISENER, Lisa. The role of companion animals in advanced cancer: an interpretative phenomenological analysis. **Bmc Palliative Care**, [S.L.], v. 21, n. 1, 16 set. 2022. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1186/s12904-022-01050-y>.

NAHLEH, Zeina; TABBARA, Imad A.. Complementary and alternative medicine in breast cancer patients. **Palliative And Supportive Care**, [S.L.], v. 1, n. 3, p. 267-273, set. 2003. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/s1478951503030256>.

NCI. **Study Links Mental Health Treatment to Improved Cancer Survival**. 2020. National Cancer Institute. Disponível em: <https://www.cancer.gov/news-events/cancer-currents-blog/2020/lung-cancer-treating-mental-health-longer-survival>. Acesso em: 10 mar. 2025.

NCI. **NCI Dictionary of Cancer Terms: pet-facilitated therapy**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.cancer.gov/publications/dictionaries/cancer-terms/def/pet-facilitated-therapy>. Acesso em: 27 abr. 2025.

NEUHOUSER, Marian L. *et al.* Use of complementary and alternative medicine and breast cancer survival in the Health, Eating, Activity, and Lifestyle Study. **Breast Cancer Research And Treatment**, [S.L.], v. 160, n. 3, p. 539-546, 21 out. 2016. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s10549-016-4010-x>.

OMS. **Breast Cancer**. 2024. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/breast-cancer>. Acesso em: 10 mar. 2025.

OPAS. **Carga global de câncer aumenta em meio à crescente necessidade de serviços**. 2024. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/1-2-2024-carga-global-cancer-aumenta-em-meio-crescente-necessidade-servicos>. Acesso em: 20 abr. 2025.

RODRÍGUEZ-MARTÍNEZ, María del Carmen *et al.* Evidence of Animal-Assisted Therapy in Neurological Diseases in Adults: a systematic review. **International Journal Of Environmental Research And Public Health**, [S.L.], v. 18, n. 24, p. 12882, 7 dez. 2021. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph182412882>.

RUZIĆ, Alen *et al.* Regular dog-walking improves physical capacity in elderly patients after myocardial infarction. **Coll Antropol**, [s. l.], v. 35, p. 73-75, set. 2011.

SHI, Jian *et al.* Suicide risk among female breast cancer survivors: a population-based study. **Frontiers In Oncology**, [S.L.], v. 12, 24 nov. 2022. Frontiers Media SA. <http://dx.doi.org/10.3389/fonc.2022.986822>.

SHOIB, Sheikh *et al.* Role of pets and animal assisted therapy in suicide prevention. **Annals Of Medicine & Surgery**, [S.L.], v. 80, p. 1, ago. 2022. Ovid Technologies (Wolters Kluwer Health). <http://dx.doi.org/10.1016/j.amsu.2022.104153>.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SISSONS, Jon H *et al.* Calm with horses? A systematic review of animal-assisted interventions for improving social functioning in children with autism. **Autism**, [S.L.], v. 26, n. 6, p. 1320-1340, 11 abr. 2022. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/13623613221085338>.

STJ. **Animais de estimação: um conceito jurídico em transformação no Brasil**. 2023. Superior Tribunal de Justiça. Disponível em: <https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/2023/21052023-Animais-de-estimacao-um-conceito-juridico-em-transformacao-no-Brasil.aspx>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SUÁREZ-IGLESIAS, David *et al.* Effectiveness of equine-assisted therapies for improving health outcomes in people with multiple sclerosis: a systematic review and meta-analysis. **Multiple Sclerosis And Related Disorders**, [S.L.], v. 55, p. 103161, out. 2021. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.msard.2021.103161>.

TAVARES, Jeane Saskya Campos; TRAD, Leny Alves Bomfim. Famílias de mulheres com câncer de mama: desafios associados com o cuidado e os fatores de enfrentamento. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [S.L.], v. 13, n. 29, p. 395-408, jun. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-32832009000200012>.

TSARAS, Konstantinos *et al.* Assessment of Depression and Anxiety in Breast Cancer Patients: prevalence and associated factors. **Asian Pacific Journal Of Cancer Prevention**, [S.L.], v. 19, n. 6, jun. 2018. West Asia Organization for Cancer Prevention (WAOCP). <http://dx.doi.org/10.22034/APJCP.2018.19.6.1661>.

VIRUEGA, Hélène *et al.* Breast Cancer: how hippotherapy bridges the gap between healing and recovery - a randomized controlled clinical trial. **Cancers**, [S.L.], v. 15, n. 4, p. 1317, 19 fev. 2023. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/cancers15041317>.

WHITE, Jennifer H. *et al.* Animal-Assisted Therapy and Counseling Support for Women With Breast Cancer. **Integrative Cancer Therapies**, [S.L.], v. 14, n. 5, p. 460-467, 20 abr. 2015. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1534735415580678>.

WIJKER, Carolien *et al.* Effects of Dog Assisted Therapy for Adults with Autism Spectrum Disorder: an exploratory randomized controlled trial. **Journal Of Autism And Developmental Disorders**, [S.L.], v. 50, n. 6, p. 2153-2163, 21 mar. 2019. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s10803-019-03971-9>.

XIAO, Ningkun *et al.* Effects of Equine-Assisted Activities and Therapies for Individuals with Autism Spectrum Disorder: systematic review and meta-analysis. **International Journal**

of Environmental Research And Public Health, [S.L.], v. 20, n. 3, p. 2630, 1 fev. 2023.
MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph20032630>.